

PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DE ARQUITETURA DA PAISAGEM NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA DO SÉCULO XXI

PANORAMA OF THE SCIENTIFIC PRODUCTION IN THE LANDSCAPE ARCHITECTURE FIELD IN BRAZILIAN POST-GRADUATION IN THE 21ST CENTURY

Alessandro Filla Rosaneli
Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras
Luciana Bongiovanni Martins Schenk

RESUMO

Como se caracterizaria a produção científica recente no campo da arquitetura da paisagem na pós-graduação brasileira? A resposta a essa questão foi estruturada analisando-se trabalhos publicados entre 2000 e 2020 em 38 programas de pós-graduação nas áreas de arquitetura, urbanismo e design e de planejamento urbano e regional/demografia. A partir de uma seleção de descritores, compilaram-se informações de 152 teses e 676 dissertações, com o objetivo de refletir sobre as características científicas, algumas peculiaridades dos pesquisadores envolvidos, as escolhas, as lacunas e as particularidades dessa produção. Historicamente reconhecida em muitos territórios e continentes como parte estratégica nos processos de design, planejamento e desenvolvimento, a arquitetura da paisagem, enquanto campo disciplinar e de atuação profissional, ainda carece de visibilidade no Brasil. O texto revela a ampliação do espectro de investigadores e de pesquisas que vêm se debruçando sobre esse campo cuja complexidade intrínseca se apresenta como alternativa no tratamento de questões e urgências que guardam potencial dimensão política.

Palavras-chave: Arquitetura da paisagem. Paisagem. Pós-graduação. Produção científica. Teses. Dissertações.

ABSTRACT

How would recent scientific production in Landscape Architecture within Brazilian postgraduate studies be characterized? The answer to this question is structured by analyzing works published between 2000 and 2020 in 38 graduate programs in Architecture, Urbanism and Design, and Urban and Regional Planning/Demography. Based on a selection of descriptors, information from 152 theses and 676 dissertations was compiled to reflect on the scientific characteristics, peculiarities of the researchers involved, and the choices, gaps, and specificities of this production. Historically recognized in many territories and continents as a strategic part of design, planning, and development processes, Landscape Architecture, as a disciplinary and professional field of activity, still lacks visibility in Brazil. The text reveals the expansion of the spectrum of researchers and research that has focused on this field, whose intrinsic complexity presents itself as an alternative for addressing issues and emergencies that have a potential political dimension.

Keywords: Landscape Architecture. Landscape. Graduate studies. Scientific production. Theses. Dissertations.



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2024.226139>

Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 35, n. 54, 2024.

I. INTRODUÇÃO

Este texto procura responder a uma questão estratégica: como se caracterizaria a produção científica recente no campo da arquitetura da paisagem na pós-graduação brasileira? Certamente, essa pergunta, que se desdobra em muitas outras, não é simples de ser respondida, pois, de início, existem muitas possibilidades de mensurar os produtos científicos. Poder-se-ia considerar que os resultados mais almejados por muitos pesquisadores e pesquisadoras seriam artigos em periódicos qualificados e eventos científicos consolidados, nacionais e internacionais, que se configuram como resultado de árduos anos de aplicação em pesquisas em instituições de ensino, grupos e linhas de pesquisa, com ou sem apoio de agências de fomento, como também em livros, apostilas, cartilhas, dentre uma infinidade de meios de divulgação, físicos e/ou digitais, que, da mesma forma, espelham os esforços de anos de trabalho da comunidade.

2

Contudo, a experiência advinda do vínculo com programas de pós-graduação e de participação em bancas de mestrado e doutorado permite inferir que existe um conjunto de trabalhos que não consegue alcançar um público maior, por variados motivos: desde a própria qualidade da pesquisa realizada, feita de modo insuficiente, às inúmeras dificuldades dos diplomados de seguir com a vida acadêmica pós-defesa do trabalho, com a publicação nos formatos acima descritos, até a restrita e difícil possibilidade de acesso às plataformas específicas que os próprios programas possuem, obstáculo parcialmente revertido pelos repositórios nacionais.

Por outro lado, a pergunta inicial instiga a reflexão sobre a efetiva delimitação desse campo do conhecimento enquanto área de pesquisa no Brasil, um campo científico, nos termos de Bourdieu (1983). Tendo em vista a quase centenária história da pós-graduação no Brasil, ainda que algumas áreas do conhecimento sejam mais consolidadas que outras, e dado o recente aumento no número dos Programas de Pós-Graduação (PPGs), entende-se que há uma reverberação no interesse em relação ao campo da arquitetura da paisagem, mas não sem dificuldades; conforme Meijering *et al.* (2015, p. 85), “compare with other scholarly disciplines, Landscape Architecture is not always recognized as a research discipline”¹. Assim, considerando as dificuldades relatadas, essa pergunta

¹ Tradução literal dos autores: “em comparação com outras disciplinas acadêmicas, a Arquitetura da Paisagem nem sempre é reconhecida como uma disciplina de pesquisa”.

procura lançar luz sobre o tamanho desse esforço traduzido em conjunto de trabalhos que, apesar de públicos, acabam não sendo reconhecidos em sua totalidade na construção da “muralha” da ciência. Essas reflexões, no limite, permitiriam distinguir esse empreendimento científico dentro das estruturas constituídas no Brasil, uma vez que está abrigado em outro domínio, conforme a classificação empregada pelas agências que lidam com a formalização da ciência brasileira².

Uma terceira dificuldade advém da polissemia do próprio conceito de paisagem, cuja abrangência e possibilidade de abordagem quase sempre esgarçam contornos que se consolidam na articulação com distintas áreas do conhecimento. Especialmente em tempos de crise climática, por exemplo, esse conceito se torna ainda mais importante para lidar com questões da vida na Terra. Arquitetos e urbanistas, no Brasil, embora possuam o dever legal de lidar com as demandas profissionais do campo da arquitetura da paisagem, não são os únicos profissionais capacitados para a sua investigação, pois a paisagem constitui-se num aprendizado transdisciplinar, uma construção social (Nogué, 2007), que exige a articulação com outras áreas do conhecimento, fato que certamente multiplica as abordagens e a própria produção do conhecimento. Tratar, assim, da paisagem, implica, por sua vez, na existência de consenso entre os estudiosos para compreendê-la, também, como produção cultural, o que vai se revelar nos inúmeros percursos das pesquisas. Aquela pergunta, portanto, necessita de certo cuidado metodológico para que possa ser desdobrada e respondida.

Dessa forma, este artigo procura ilustrar como tem se constituído essa produção científica de base na área da arquitetura da paisagem – teses e dissertações –, em duas áreas de avaliação reconhecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que mais abrigam arquitetos e urbanistas na pós-graduação brasileira: a área de arquitetura, urbanismo e design e a área de planejamento urbano e regional/demografia. Com esse panorama, de forma inédita, objetiva-se refletir sobre as características científicas, algumas peculiaridades dos

² De acordo com a Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação da Capes, que define uma hierarquia em níveis para as áreas do conhecimento no Brasil, os assuntos atinentes à arquitetura da paisagem estariam alocados explicitamente nas especialidades 60404000 – Paisagismo; 60404019 – Desenvolvimento histórico do paisagismo; 60404027 – Conceituação de paisagismo e metodologia do paisagismo; 60404035 – Estudos de organização do espaço exterior; 60404043 – Projetos de espaços livres urbanos, dentro da subárea de avaliação de arquitetura, urbanismo e design, na área das ciências sociais aplicadas.

pesquisadores envolvidos, as escolhas, as lacunas e as particularidades dessa produção. Entretanto, não foi a pretensão deste texto sintetizar os achados em qualquer forma de revisão de literatura, dado que o volume físico dos trabalhos reunidos tornaria essa tarefa humanamente inexecutável. Ainda assim, entende-se que os dados apresentados são importantes para que se estabeleça um patamar de partida para o enfrentamento dos desafios e estabelecimento de estratégias dentro do campo da arquitetura da paisagem na pós-graduação brasileira, tornando visíveis os rumos e interesses que esse campo disciplinar vem despertando na academia e, especialmente, tendo em vista o papel que o campo disciplinar e profissional tem tido no mundo pós-pandêmico. Para tanto, após a exposição das escolhas para que essa pesquisa pudesse ser conduzida com a base de dados pública, apresentam-se os achados, seguidos de discussão sobre eles.

2. OPÇÕES METODOLÓGICAS

As escolhas empregadas para captar as nuances da produção recente no campo da arquitetura da paisagem procuraram construir uma base de dados para que se pudesse abranger a totalidade da produção científica dos PPGs nacionais, a fim de garantir a cobertura mais ampla possível. Contudo, em razão de dificuldades de acesso a uma pequena parte dos trabalhos, indica-se que os achados aqui expostos podem ser entendidos com uma aproximação da realidade requerida.

A definição de analisar teses e dissertações adveio de um entendimento particular, como pesquisadores envolvidos com o campo profissional, sobre a pequena reverberação dessa produção nos periódicos das áreas do conhecimento correlatas. Isso se deve a vários motivos: dificuldades dos egressos em transformar seus produtos acadêmicos em artigos para periódicos, pequena base de plataformas nacionais abertas a esses artigos, dentre outros. Tais fatos não serão aqui aprofundados, mas são motivos de debate em outras áreas, embora esse entendimento não se restrinja às terras brasileiras, uma vez que Brown e Corry (2011, p. 327) salientam que “both the professional and the discipline of Landscape Architecture have a culture of non-reporting³”.

Por outro lado, a opção por esses produtos científicos revela outra or-

³ Tradução literal dos autores: “tanto o profissional como a disciplina de Arquitetura da Paisagem têm uma cultura de não reportar”.

dem de questões importantes para se pensar os caminhos que a pós-graduação de arquitetos e urbanistas com interesse na área de paisagem tem tomado. As escolhas por temas, objetos, recortes e métodos que esses dados espelham permitem conhecer melhor as predileções e as ausências.

Dado que o interesse inicial é mapear a construção de um campo profissional nem sempre reconhecido como campo do conhecimento e, assim, muito menos compreendido como uma área de pesquisa, a opção foi vasculhar programas com maciça presença de discentes com formação em arquitetura e urbanismo, ainda que se reconheça que outros campos do conhecimento também possuam investigações pertinentes sobre questões que se relacionem com o conceito de paisagem. Assim, foram vasculhadas as páginas da web de todos os 85 PPGs nacionais (constituídos em 2020), de duas áreas de avaliação da Capes: arquitetura, urbanismo e design e planejamento urbano e regional/demografia. O escopo do programa, as linhas de pesquisa, os grupos de pesquisa e a presença de laboratórios foram os pontos de observação para uma primeira seleção de enquadramento; outro critério foi a exclusão dos programas profissionais, o que resultou na incorporação de 57% dos PPGs na área de arquitetura, urbanismo e design (24 programas) e de 33% dos PPGs na área de planejamento urbano e regional/demografia (14 programas), dentre os quais 70% dos programas enquadrados nessa pesquisa estão dentro de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas.

Os procedimentos para a definição do corpus iniciaram-se com a determinação de um conjunto de descritores primários e secundários, selecionados a partir de pesquisa-piloto de palavras-chaves entre as teses e dissertações do programa de pós-graduação que abriga a produção mais antiga da área de arquitetura da paisagem do Brasil, o da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Da verificação dessa produção, e considerando a recorrência na utilização dos termos empregados nas pesquisas, foram definidos como descritores primários os termos: paisagem, paisagismo, arquitetura paisagística (que foram sintetizados pelo radical “paisag”); espaço livre; espaço aberto; área verde; espaço verde; espaço público; lugar público; vida pública. Por sua vez, os descritores secundários considerados foram: infraestrutura ecológica; infraestrutura verde; telhados verdes; tetos verdes; biorretenção; arborização; vegetação; sistema de áreas arborizadas; floresta urbana; praças;

jardim; calçada; passeio; APPs fluviais urbanas; APPs urbanas; orlas fluviais urbanas; corredores ecológicos; bacias hidrográficas; rios urbanos; ecossistema fluvial; planejamento ambiental; revitalização de bacias urbanas; parques; parques lineares; parques urbanos; parques públicos; parque regional; parques estaduais; parque agroambiental; sistemas de parques. A seleção dos termos mais específicos expressos nessa segunda lista objetivou ampliar o foco da lente e, assim, captar com maior acuidade essa produção científica do campo da arquitetura da paisagem. É importante ressaltar que os descritores guiaram a investigação em toda a produção nos programas triados e que, assim, permitiram estruturar um corpus consistente e com grande potencial de espelhar a realidade que se procura estudar.

O recorte temporal foi de vinte anos, de 2000 a 2020, que abrange um período que permitiu avaliar as transformações na pesquisa nessa específica área vis-à-vis ao amplo cenário nacional. De fato, nesse intervalo, o expressivo aumento no número de PPGs no Brasil no começo do século foi seguido de certa estabilização ao final desses vinte anos, fatos que se espelharam nos programas de ambas as áreas analisadas (Ribeiro Junior; Merino; Elali, 2019; Ultramarini; Silva; Rodrigues, 2019), e que também podem ser observados nos dados obtidos. Além disso, a pandemia de covid-19 também foi considerada como um fator de limitação temporal importante e, de novo, os dados demonstram claramente esse aspecto. Com essas definições e critérios, iniciou-se a formação do corpus, por meio da aplicação desses descritores na busca de teses e dissertações que os apresentassem no título e/ou nas palavras-chaves nos repositórios dos programas previamente selecionados.

4 A principal fonte de coleta de informação foram as páginas da internet dos próprios PPGs ou as dos centros de informação bibliográfica das IES a que esses programas pertenciam. Em sua grande maioria, essas consultas foram suficientes para acessar a produção científica dos egressos. Contudo, para contornar a inexistência de dados em alguns programas, foram enviados e-mails para a secretaria, coordenador e/ou professor do PPG. Quando na presença de muita inconsistência, os currículos da Plataforma Lattes dos docentes orientadores foram contrastados com os dados encontrados nos repositórios, para precisar melhor a produção total.

Com essas decisões, obteve-se um total de 152 teses e 676 dissertações, conforme aponta a Tabela I. Esses 828 trabalhos correspondem a 10% da produção total dos programas analisados, proporção que se considera relevante para se refletir sobre a consolidação desse campo de pesquisa no Brasil. Esses dados permitem observar que a produção no campo da arquitetura da paisagem de alguns PPGs se destaca frente a outros de sua própria região e/ou do país, assim como se verifica que a concentração da produção nas regiões Sul e Sudeste segue a configuração da distribuição espacial dos PPGs pelo território brasileiro.

Os dados coletados desse conjunto de trabalhos científicos restringiram-se ao título, resumo, palavras-chaves, nome do candidato(a), nome do orientador(a) e ano de defesa. Como pesquisa complementar, procurou-se a formação profissional do(a) candidato(a). Com essas informações, buscou-se construir um primeiro panorama, de característica quantitativa, para que se pudesse avaliar as características científicas, algumas peculiaridades dos pesquisadores envolvidos, as escolhas, as lacunas e as particularidades dessa produção.

Um segundo esforço de análise adveio de uma abordagem qualitativa dos dados coletados. Para tanto, os resumos foram examinados à luz de dois textos que procuram refletir sobre a produção científica no campo da arquitetura da paisagem. Do trabalho de Swaffield e Deming (2011) exploraram-se as estratégias de pesquisa adotadas nesses trabalhos, classificando-os em nove enquadramentos, conforme o Quadro I. De acordo com os autores, o contraste entre esses dois eixos – um que representa o posicionamento frente à teoria (horizontal) e outro à forma de produção do conhecimento (vertical) –, ao serem construídos de forma a seguir definições assentadas em outros campos disciplinares, permite localizar as investigações no campo da arquitetura da paisagem em uma base amplamente reconhecida de princípios e contextos da pesquisa científica.

Tabela I – Teses e dissertações por PPGs, separadas por regiões do Brasil.

PPG	D	TOT D	%	T	TOT T	%
UFPA – PPGAU	4	117	3,4	X	X	X
SUB-TOTAL NORTE	4	117	3,4	X	X	X
UFRN – PPGEUR	6	108	5,6	X	X	X
UCSAL – PPGTAS	3	55	5,5	X	X	X
UFPE – MDU	45	292	15,4	6	87	6,9
SUB-TOTAL NORDESTE	54	455	11,8	6	87	6,9
UNB – PPGFAU	24	420	5,7	5	137	3,6
UNICEUB	1	17	5,9	X	X	X
UFG – PPGPC	12	64	18,8	X	X	X
SUB-TOTAL CENTRO-OESTE	37	501	7,4	5	137	3,6
PUC/PR – PPGPU	30	249	12,0	5	33	15,2
UTFPR – PPGDR	2	175	1,1	X	X	X
UFPR – PPU	7	34	20,6	X	X	X
UFSC – POSARQ	34	361	9,4	8	53	15,1
UNIRITTER	6	92	6,5	X	X	X
UFRGS – PROPUR	32	279	11,5	5	60	8,3
UEM/UEL – PPU	16	116	13,8	X	X	X
UFPEL – PROGRAU	15	61	24,6	X	X	X
UFSM – PPGAUP	5	11	45,5	X	X	X
UNISC – PPGDR	3	344	0,9	X	X	X
IMED – PPGARQ	4	28	14,3	X	X	X
UDESC – PPGPLAN	3	140	2,1	X	X	X

PPG	D	TOT D	%	T	TOT T	%
SUB-TOTAL SUL	157	1.890	8,3	18	146	12,3
UFMG – NPGAU	21	289	7,3	11	87	12,6
UFU – PPGAU	11	73	15,1	X	X	X
UFJF – PROAC	15	129	11,6	X	X	X
UFES – PPGAU	31	139	22,3	X	X	X
UFF – PPGDAP	3	27	11,1	X	X	X
MACKENZIE – PPGAU/FAU	46	368	12,5	7	118	5,9
UNICAMP – PPGATC	13	122	10,7	5	56	8,9
UFABC – PPGPGT	7	134	5,2	0	29	X
UNESP – PPGARQ	19	73	26,0	X	X	X
UVV	3	13	23,1	X	X	X
CÂNDIDO MENDES	3	189	1,6	X	X	X
PUC CAMPINAS = POSURB	20	170	11,8	4	28	14,3
PUC RIO – PPGARQ	3	35	8,6	X	X	X
UFF – PPGAU	24	219	11,0	3	57	
IAU – PPGAU	13	166	7,8	6	111	5,4
FAUUSP	87	804	10,8	47	529	8,9
UFRJ – PROURB	69	205	33,7	25	114	21,9
UFRJ – PROARQ	31	369	8,4	13	116	11,2
UFRJ – IPPUR	5	96	5,2	2	98	2,0
SUB-TOTAL SUDESTE	424	3.620	11,7	123	1.343	9,1
TOTAL PPG BRASIL	676	6.583	10,3	152	1.713	8,9

Fonte: Websites dos PPGs e das IES dos PPGs analisados.

Legenda: D (dissertações consideradas no estudo), TOT D (total de dissertações do programa, T (teses consideradas no estudo), TOT T (total de teses do programa); destaque em negrito para a produção muito superior à média geral

Quadro 1: Possíveis estratégias de pesquisa aplicadas ao campo da arquitetura e da paisagem.

Estratégias de pesquisa	Inductive (Intuitiva)	Reflexive (Abduction) Reflexiva (Abdutiva)	Deductive (Dedutiva)
Objective (Objetiva)	Description (Descritiva)	Modelling (Modelagem)	Experimentation (Experimental)
Constructive (Construtiva)	Classification (Classificativa)	Interpretation (Interpretativa)	Evaluation & Diagnosis (Avaliativa e Diagnóstica)
Subjective (Subjetiva)	Engaged Action (Pesquisa-Ação)	Design Projection (Pesquisa Aplicada em projeto)	Logical Systems (Aplicação de Sistemas Lógicos)

Fonte: Swaffield e Deming (2011, p. 37)

Do segundo texto, de Meijering *et al.* (2015), explorou-se a definição de domínios de investigação, como áreas do conhecimento, que os autores identificaram como prioritários entre os especialistas do meio acadêmico e da prática profissional em arquitetura da paisagem, tendo adotado o método Delphi para essa classificação. Os critérios da amostra incluíram a heterogeneidade de especialistas da África, Ásia, Austrália, Europa e Américas do Norte e do Sul, exigindo-se a comprovação de experiências acadêmicas e profissionais dos participantes. Dos 279 especialistas inicialmente contactados, 46 chegaram à terceira e última rodada, entre eles quatro representantes da América do Sul, o que insere o Brasil como país situado na amostragem, ressaltando-se, porém, a predominância dos europeus e estadunidenses.

Embora a pesquisa desses autores tenha incluído o olhar sobre a prática profissional, o estudo faz distinção entre as respostas na montagem dos domínios apontados – 15 domínios para investigações acadêmicas e 14 domínios para a prática profissional –, possibilitando, nesta análise, a adoção daqueles voltados às investigações acadêmicas. Os autores ressaltam que, entre os 46 participantes finais, a maioria foi composta por acadêmicos. No entanto, optou-se por um processo de adaptação dos 15 domínios ao universo brasileiro, abrindo o leque de possibilidades conceituais afins.

Assim, para cada domínio, com seus respectivos significados e abordagens, foram inseridas outras abrangências que poderiam se relacionar a conteúdos presentes nas pesquisas brasileiras. Essas outras abrangências surgiram das inúmeras alternativas que o universo pesquisado apontou. O Quadro 2 ilustra essas decisões, mostrando os 15 domínios, as abordagens originalmente detalhadas por Meijering *et al.* (2015) e aquelas que foram acrescentadas para o caso brasileiro.

Número	Domínio	Abordagem / Significados
1	Dimensões humanas do planejamento e design	Apego ao local (afeto); Percepção da paisagem; Interação homem-ambiente
	Abordagens acrescentadas	Subjetividade; simbologia; significados; imaginário; lugar; apropriação pela arte; cultura; urbanidade; poética da paisagem
2	Desenvolvimento urbano sustentável	Ecologia urbana e biodiversidade; Efeitos do plantio de árvores nas ruas; Tratamento de resíduos urbanos
	Abordagens acrescentadas	Planejamento ambiental; arquitetura e paisagem; paisagem urbana
3	Ambientes construídos e infraestrutura	Agricultura urbana; Praças e parques públicos; Autoestradas e vias rápidas
	Abordagens acrescentadas	Redes de infraestrutura; infraestrutura verde; abastecimento de água; morfologia urbana; tipologia arquitetônica; favelas (morfologia/tipologia); urbanização
4	Questões paisagísticas globais	Alterações climáticas; Necessidades energéticas; Urbanização
	Abordagens acrescentadas	Urbanização e transformação de corpos d'água; urbanização e geomorfologia urbana; permanências e transformações urbanas; desigualdades sociais versus globalização; degradação dos recursos naturais, paisagens assimétricas globais: riqueza versus degradação
5	Teorias e metodologias ("metodologias" foram acrescentadas)	Teorias de design; Teorias de planejamento; Teorias do meio
	Abordagens acrescentadas	Teorias do projeto de paisagem; ecologia da paisagem; teorias da forma urbana; teorias da paisagem urbana; representação e análise da paisagem pela arte; análise e planejamento por unidades de paisagem e teoria dos sistemas associados à paisagem, metodologias de apreensão e análise de paisagem
6	Medindo o desempenho e o impacto da arquitetura da paisagem	Construção de indicadores; Avaliação de impacto visual; Quantificação de custo e benefícios
	Abordagens acrescentadas	Mercado, mercado imobiliário versus paisagem; turismo e marketing; conjuntos habitacionais e espaço urbano; avaliação de impactos: sonoro, térmico, visual, ambiental social; avaliação e conservação do espaço público e de impactos de projetos na vida pública
7	Ambientes rurais e naturais	Agricultura; Preservação da natureza; Paisagens multifuncionais
	Abordagens acrescentadas	Paisagens dos povos tradicionais (indígenas e quilombolas); Unidades de conservação (da natureza e da paisagem)
8	Dimensões históricas de planejamento e design	História da arquitetura da paisagem; Preservação do patrimônio cultural; Genius loci
	Abordagens acrescentadas	Paisagem como patrimônio cultural; paisagem cultural; patrimônio natural, memórias urbanas

Número	Domínio	Abordagem / Significados
9	Dimensões biofísicas do planejamento e design	Agroecologia; Infraestrutura verde; Erosão do solo
	Abordagens acrescentadas	Sistema de espaços livres públicos; usos e apropriação dos espaços livres públicos; estrutura e forma dos espaços livres públicos, florestas urbanas, sistema de corredores verdes, paisagem urbana, espaço e lugar
10	Valores e ética	Valores paisagísticos; Multiculturalismo; Ética da terra
	Abordagens acrescentadas	Valores naturais, valores culturais, valores da arte, valores sociais/manifesto dos excluídos, ética ambiental, cultura paisagística, valores subjetivos associados à paisagem, lugar; papel do arquiteto urbanista/paisagista na transformação; valores atribuídos pela população
11	Criatividade artística	Não específica, mas deixa evidente a associação ao projeto
	Abordagens acrescentadas	Projeto de arquitetura como projeto de paisagem; projeto de paisagem; projeto de cidade (projetos urbanos)
12	Política e governança	Gestão da paisagem; Política que afeta as paisagens; Relação entre gestor e arquiteto paisagista
	Abordagens acrescentadas	Legislação urbana; legislação e instrumentos legais ambientais; legislação e instrumentos associados à paisagem; processo de participação social; paisagem de qualidade como um direito; espaço público de qualidade como um direito
13	Ambientes aquáticos	Restauração de lagos; Gestão costeira; Frentes d'água urbanas
	Abordagens acrescentadas	Bacias hidrográficas, ambientes fluviais; cursos e corpos d'água, ambientes costeiros (restinga e manguezais); drenagem urbana; abastecimento d'água
14	Ferramentas e tecnologias	Sistema de informação geográfica; Redes sociais; Ferramentas de apreensão visual; Modelagem
	Abordagens acrescentadas	Ferramentas de captura e análise de paisagem
15	Educação em arquitetura da paisagem	Método de ensino; Desenvolvimento curricular; Educação da população
	Abordagens acrescentadas	Formação; educação patrimonial, processo de conscientização ecológica associada à paisagem

Fonte: Meijering et al. (2015), adaptado pelos autores

A partir desse quadro, ajustado para atender às especificidades brasileiras, foram analisadas 90 e 322 dissertações, perfazendo um total de 412 pesquisas, selecionadas entre o conjunto total pela indicação do radical “[...] PAISAG [...]” nas palavras-chave⁴¹. Percebe-se, no exercício de ajuste, que a necessidade de considerar situações muito próprias do território brasileiro está associada certamente aos países em desenvolvimento, cuja paisagem mescla grandes problemas sociais à gestão, ao planejamento e ao desenho de novas paisagens, associadas à conservação da natureza e da cultura. É provável também que essa ausência se justifique pela presença na amostra de uma maioria de especialistas da Europa e dos Estados Unidos, cujos problemas centrais em relação à paisagem diferem daqueles das paisagens brasileiras.

Por fim, salienta-se que, como qualquer pesquisa, as opções delineadas visam contornar certas dificuldades e obter um caminho mais certo para os dados. Por isso, ao não considerar outras áreas do conhecimento que lidam com questões afeitas à paisagem (como a geografia, engenharia ambiental etc.), entende-se que esta pesquisa tem uma clara limitação no que tange à produção científica sobre a paisagem no Brasil. Mesmo assim, ao convergir para os produtos de áreas nas quais a presença de arquitetos e urbanistas é mais intensa, pode-se compreender que este trabalho permite avaliar a continuidade do processo formativo desses profissionais e a contribuição desses profissionais para o campo de estudo em questão.

3. AS CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NO CAMPO DA ARQUITETURA DA PAISAGEM

Uma aproximação interessante a esse universo científico advém das pessoas envolvidas: egressos e docentes. Como se esperava, a grande maioria dos profissionais que trafegam pelos PPGs são formados em arquitetura e urbanismo (81%). Retirando a parcela da qual não foram obtidas informações (8%), somam-se a esse conjunto os profissionais da geografia, do turismo, do design, das artes, da história, das ciências biológicas e das engenharias. Observando as tendências na pós-graduação brasileira²⁵, os

4 Os trabalhos que contêm o radical “[...] paisag [...]” nas palavras-chave perfazem 492 no total. Contudo, foram retirados trabalhos que apresentam termos repetidos entre as palavras-chave, totalizando os 412 trabalhos analisados.

5 Essa afirmação advém de reportagens e pesquisas disponíveis na internet, a partir de dados

trabalhos avaliados permitiram concluir que o ambiente de pesquisa nesse campo é marcadamente feminino: concluintes (74%) e docentes (59%) formam uma maioria que se distingue do cenário nacional pela quantidade de estudantes e pela proporção de docentes mulheres.

As escolhas de orientação permitem tecer considerações referentes à concentração e à história dessa produção. De um total de 322 orientadores, 79 (24%) orientaram três ou mais trabalhos, compondo um total de 507 trabalhos (61%). Poder-se-ia considerar esse restrito universo de docentes como os protagonistas para a consolidação do campo da arquitetura da paisagem nesses anos. Destes, 12 docentes (4%) concluíram um conjunto de 205 trabalhos (25% do total). Também seria possível afirmar que são os docentes que estão há mais tempo formando pesquisadores e que, assim, fariam parte de uma primeira geração nesse campo do conhecimento. Em seguida, 26 orientadores (8%) conduziram seus estudantes para que 168 trabalhos (20% do total) fossem finalizados, no que poderia ser considerada a segunda geração de pesquisadores. Uma possível terceira geração, de 41 orientadores (13%), foi responsável pela formação de um conjunto de 134 trabalhos (16% do total). Por fim, 167 orientadores (52%) com uma orientação concluída e 76 orientadores (23%) com duas orientações formam um grupo de dispersa contribuição, dada a limitação temporal considerada.

No tocante às características da produção em si, a primeira abordagem, de viés quantitativo, concentrou-se nas palavras-chave. De um total de 3.518 termos, foram encontradas 3.015 distintas unidades, que atestam certa disparidade de assuntos e até mesmo de definições. Quatro grupos de trabalhos poderiam ser distinguidos, observando a quantidade de descritores referenciada: um primeiro grupo, formado pelos 625 trabalhos com até quatro palavras-chave; um segundo, de 398 trabalhos com cinco palavras-chave; um terceiro, de 47 trabalhos com seis ou sete palavras-chave; e um último, de 19 trabalhos que apresentam de oito a treze termos. Considerando que a escolha precisa de palavras-chave permite um enquadramento adequado da investigação nas bases catalográficas, o que resulta em melhor compartilhamento do conhecimento, entende-se como preocupante a pre-

produzidos pelos órgãos federais dedicados à formação e produção de ciência no Brasil. Alguns exemplos consultados: <https://www.openciencia.com.br>; <https://souciencia.unifesp.br/opinioao/elas-na-universidade--parte-2-participacao-das-mulheres-nos-programas-de-pos-graduacao-no-brasil> e <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/03/na-pos-graduacao-mulheres-sao-maioria-entre-estudantes-mas-minoria-entre-docentes.shtml>.

sença de trabalhos com pequena quantidade de palavras-chave já que um quarto de todos os trabalhos não apresenta mais do que três termos.

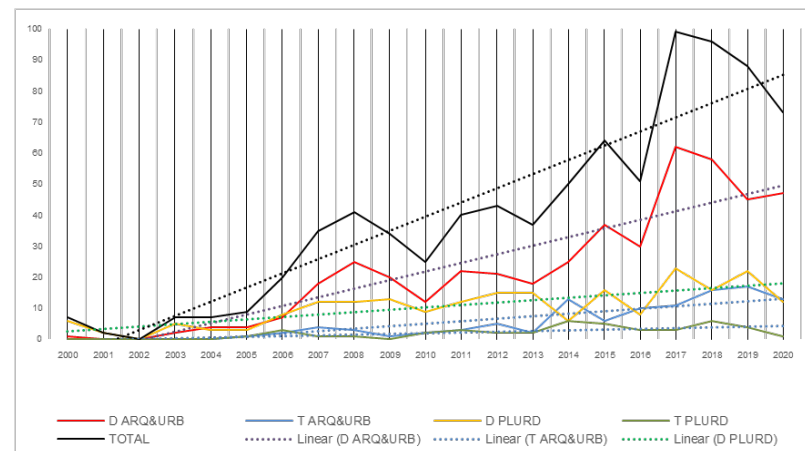
Dos termos mais citados, dois encontram marcante prevalência: “espaço [...]” (407 vezes) e “[...] paisag [...]” (492 vezes), em citação simples ou composta. Restringindo a análise para a expressão “[...] paisagem [...]” (427 vezes), as três maiores presenças seriam através dos termos “paisagem” (149), “paisagem urbana” (114) e “paisagem cultural” (42). Neste universo, dois programas concentram a produção, USP e UFRJ, seguidos em ordem decrescente por UFPE, UFSC, PUC/PR, Ufes, UFF, UFRGS, UFMG, Unesp e Mackenzie. Dos objetos concretos de ação para a transformação da paisagem, encontraram-se as seguintes principais recorrências: “[...] espaço(s) público(s) [...]” ou “esfera pública” (219), “espaço livre” (89), “parque” (77), “praça” (62), “sistema de espaço(s) livre(s)” (32), “rua” (18) e “calçada” (18). Nesse universo, a produção se concentra em dois programas, USP e Mackenzie, seguidos em ordem decrescente por UFRJ, UFRGS, UFPE PUC/Campinas, UFF, UFMG, Unicamp e UFPR.

Se as repetições permitem observar as preferências das pesquisas, as ausências ou a tímida presença de alguns termos podem auxiliar na construção de uma agenda futura de investigações. Nesse sentido, alguns termos conectados com questões contemporâneas que o mundo e, especialmente, a sociedade brasileira têm enfrentado serão destacados, ainda que essa lista pudesse ser mais extensa. Assim, as referências à “mudança climática”, ao “envelhecimento”, à “desigualdade socioespacial”, à “função social da paisagem”, à “floresta urbana”, ao “medo urbano”, dentre outros descritores, poderiam compor quadros de interesses contemporâneos no campo da arquitetura da paisagem.

Ao observar o ano de depósito e/ou publicação das teses e dissertações, é possível delinear um quadro evolutivo dessa produção, indicado pelo Gráfico 1, do qual se podem separar seis momentos. Um primeiro, entre 2000 e 2002, revela um decréscimo do interesse pelos temas do campo da arquitetura da paisagem. Nessa perspectiva, este último ano até poderia ser adotado como um marco inicial para a produção aqui referenciada. O segundo momento, entre 2002 e 2005, é caracterizado por uma produção constante, num platô. Um terceiro instante, entre 2005 e 2008, é marcado por uma aceleração na produção, formando uma primeira onda ininterrupta de interesse. O próximo intervalo, entre 2008 e 2015, o mais longo de

todos, ainda que nele se perceba um aumento da produção, a inconstância indicada por altos e baixos seria a principal característica desses anos. Uma quinta fase, entre 2015 e 2017, ainda que intermitente, pode ser caracterizada pela maior aceleração no interesse investigativo dessa produção analisada. Por fim, em tendência que se inicia em 2017 e segue até o final do período analisado, observa-se um decréscimo da produção, ainda que não atinja nenhum patamar inferior dado nesses vinte anos analisados. As linhas tracejadas, que indicam a tendência evolutiva, deixam evidente que a evolução da produção é crescente.

Gráfico 1 – Evolução da produção total de teses e dissertações no período de 2000 a 2020.



Fonte: Sites dos PPGs e das IES dos PPGs analisados

Para realizar uma análise mais pormenorizada dessa produção, optou-se por dois cortes qualitativos. Um primeiro, considerando a produção voltada para o objeto “espaço público”, já parcialmente descrito, e adotando a contribuição exposta em Swaffield e Deming (2011), possibilitou compreender as estratégias de pesquisa adotadas por 209 teses e dissertações⁶, como expõe o Quadro 3.

⁶ Do universo inicial de 219 trabalhos, excluíram-se as repetições e os trabalhos sem resumo completo e/ou compreensível.

Quadro 3 – Possíveis estratégias de pesquisa aplicadas ao campo da arquitetura da paisagem para teses e dissertações que investigam o “espaço público” como objeto de pesquisa.

Estratégias de pesquisa	Inductive (Intuitiva)	Reflexive (Abduction) Reflexiva (Abdutiva)	Deductive (Dedutiva)
Objective (Objetiva)	Description (Descritiva) 84	Modelling (Modelagem) 04	Experimentation (Experimental) 04
Constructive (Construtiva)	Classification (Classificativa) 44	Interpretation (Interpretativa) 48	Evaluation & Diagnosis (Avaliativa e Diagnóstica) 20
Subjective (Subjetiva)	Engaged Action (Pesquisa-Ação) 02	Design Projection (Pesquisa Aplicada em projeto) 00	Logical Systems (Aplicação de Sistemas Lógicos) 03

Fonte: Swaffield e Deming (2011, p. 37)

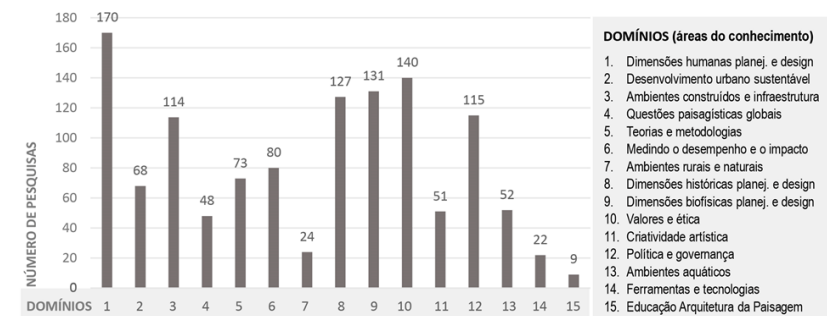
12

Desse conjunto, ficam evidentes algumas características que sugerem a necessidade de maiores cuidados por parte dos pesquisadores envolvidos na condução de investigações de nível *stricto sensu*. Talvez o alerta mais preocupante advenha dos 84 trabalhos (40%) que se enquadrariam na abordagem mais preliminar de uma pesquisa em nível de pós-graduação, a “descritiva”. A constatação que uma proporção muito próxima desse total geral, ou seja, 37,5% sejam dedas teses, agrava as consequências das evidências encontradas. Uma segunda evidência que se mostra marcante para as pesquisas nesse específico conjunto seria a concentração nos domínios da abordagem construtiva, com 54% dos trabalhos. Nessa abordagem, obteve-se a maior discrepância entre os dois tipos de trabalhos analisados, advinda da escolha “interpretativa”: 31% das teses contra 18% das dissertações, dedicação que se considera razoável pelo tempo exigido para a investigação de um doutorado. Por fim, cabe evidenciar as pequenas contribuições advindas das abordagens “modelagem”, “experimental”, “pesquisa-ação”, “pesquisa aplicada em projeto” e “aplicação de sistemas lógicos” (6% somadas), que não constituem uma tradição na pesquisa sobre esse objeto e, quiçá, no campo da arquitetura da paisagem no Brasil.

Para o enquadramento das 90 teses e 322 dissertações nos domínios su-

geridos por Meijering et al. (2015), foram analisados os resumos disponibilizados, compreendendo-os como documentos-síntese que revelam rapidamente o conteúdo de uma pesquisa e informações para sua indexação (Bardin, 2020). Para cada pesquisa, foram escolhidos inicialmente três domínios que mais se aproximavam do conteúdo trabalhado, considerando o conjunto de abrangências do Quadro 2, e foram agrupadas pesquisas que apresentavam critérios semelhantes entre si para que fossem enquadradas em determinados domínios. O Gráfico 2 expõe essa primeira avaliação, que aponta a abrangência de três dos domínios por teses e dissertações. Do resultado, ressalta-se do conjunto o forte compromisso de grande número de pesquisas com o domínio (1), **das dimensões humanas do planejamento e design**, seguido em outro patamar pelos domínios (10) **valores e ética**, (9) **dimensão biofísica do planejamento e design e domínio (8)**, **da dimensão histórica do planejamento e design**, este último atrelado às pesquisas sobre paisagem cultural e patrimônio.

Gráfico 2 – Abrangência de domínios por teses e dissertações (três domínios por pesquisa)

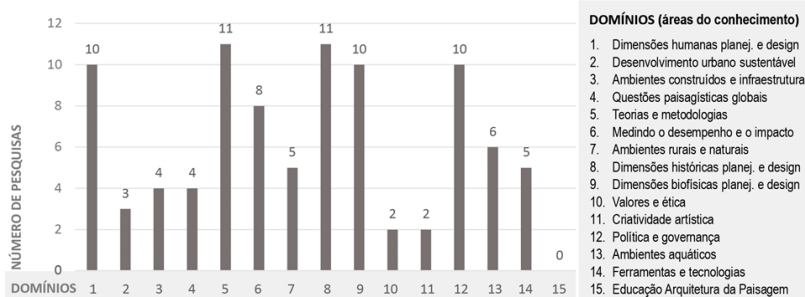


Fonte: Autores

Por fim, dando destaque à produção específica de teses e de dissertações separadamente, foram identificados interesses distintos entre essas pesquisas. Entre as noventa teses, predomina o interesse pelos domínios (5), **das teorias e metodologias** (12,22%) e (8), **das dimensões históricas do planejamento e design** (12,22%), este último mais especificamente sobre pesquisas focadas no conceito de paisagem cultural, atravessado pela história. Justifica-se esse resultado quando se avalia que, entre teses, concentram-se pesquisas com estudos e teorias mais profundas,

muitas delas associadas a metodologias de apreensão e análise de paisagem, aqui no mesmo grau de interesse em relação às pesquisas sobre paisagem como patrimônio cultural. Em patamar logo abaixo, lideram os domínios (1), **dimensões humanas do planejamento e design** (11,11%), (9), **dimensões biofísicas do planejamento e design** (11,11%), e (12), **política e governança** (11,11%), atrelado à gestão, à legislação urbanística e ambiental, aos planos diretores e ao planejamento urbano. Os outros domínios ficam bem abaixo desses dois grupos, como mostra o Gráfico 4.

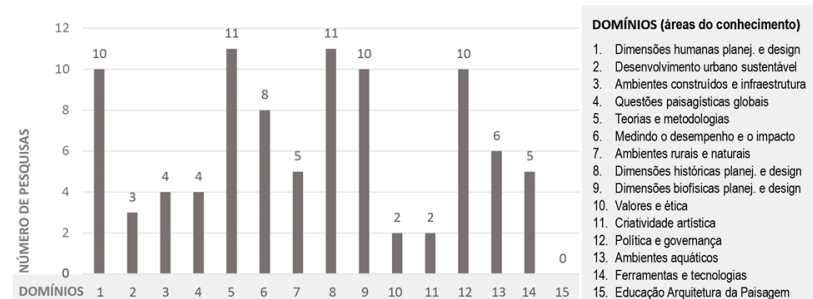
Gráfico 4 – Domínios que predominam entre as 90 teses.



Fonte: Autores

Entre as 322 dissertações, destaca-se com força o interesse pelo domínio (8), dimensões históricas do planejamento e design (19,25%), mais especificamente com pesquisas sobre conservação integrada associada à compreensão da Unesco sobre o que seja “paisagem cultural”. Ao lado desse domínio, o Gráfico 5 destaca o domínio (9), das dimensões biofísicas do planejamento e do design (16,15%), este mais voltado à preocupação com a sustentabilidade, com pesquisas sobre infraestrutura e corredores verdes, sistemas de espaços livre públicos, apropriação dos espaços livres, agroecologia e florestas urbanas. Além desses, destaca-se o domínio relativo às (1) dimensões humanas do planejamento e design (12,11%), aqui estendidos às inúmeras formas de apreensão e representação subjetiva de paisagem por instrumentos de arte e de cultura, revelando a diversidade de significados e valores tomados como ferramentas de pesquisa.

Gráfico 5 – Domínios que predominam entre as 322 dissertações



Fonte: Autores

Destaca-se, por fim, no universo pesquisado, a quase ausência do domínio (15), referente à **educação em arquitetura da paisagem**, que deveria incorporar pesquisas sobre formação do arquiteto e urbanista acerca da paisagem, metodologias de ensino, desenvolvimento curricular, educação da população, educação patrimonial e discussão sobre processos de conscientização ecológica associados à paisagem. Apenas três dissertações das 422 pesquisas, correspondendo a 0,73%, inserem-se nesse domínio, o que denota a necessidade de se compreender o porquê desse desinteresse na formação daquele que mais tarde vai atuar como pesquisador ou como profissional, cuja formação é condição para o seu bom desempenho.

4. EM FORMA DE UMA SÍNTESE CONCLUSIVA E ALGUMAS DIGRESSÕES

Com o objetivo de responder à questão sobre como se caracteriza a produção científica da pós-graduação brasileira no campo da arquitetura da paisagem, esboçou-se um primeiro mapeamento que revela, além da resposta em si à questão que guia esta reflexão, outros desafios associados às formas de acesso ao conjunto dessas pesquisas, expressando um desafio à parte entre as limitações do estudo. São, assim, procedimentos e resultados indissociáveis para a montagem desse panorama, fechando esta análise pelos: (1) procedimentos que permitiram coletar e analisar os dados; e (2)

resultados alcançados nas duas perspectivas elencadas: a quantitativa e qualitativa.

O primeiro dos desafios – acessar a base de dados pela internet – registrou a inexistência de um padrão de inserção e disponibilização dos dados, o que recai na inexistência de um procedimento de busca, como se a ausência de caminhos fosse o padrão para se aproximar desse arsenal pesquisado. Não há uma conduta que se repita por quem busca a informação, porque cada PPG armazena suas informações em repositórios que não seguem um procedimento unificado para a produção brasileira¹. Nesses repositórios, muitas vezes o acesso aos dados é confuso e pouco amigável à consulta para quem não é familiarizado com a plataforma, exigindo grande desperdício de tempo e forte dose de paciência, o que afasta o pesquisador do objetivo de construir um sólido “estado da arte”. Cabe pensar que o antigo desafio de romper os “muros” da academia, ainda que se esteja em ambiente virtual, permanece.

14

Não podem deixar de ser ressaltadas, entretanto, as dificuldades advindas da análise do próprio corpus, muito em razão da imprecisão e incoerência das e entre as partes coletadas. Percebeu-se em demasia um uso livre e desconectado de termos que não permite um rápido reconhecimento do desenho da pesquisa efetivado. Os prejuízos para a consolidação de um campo do conhecimento são contundentes, uma vez que tais trabalhos têm mais probabilidade de serem preteridos em revisões maiores, de não serem lidos pelo simples motivo de sumariarem sem a esperada objetividade todo o esforço realizado, dentre outras consequências indesejáveis, a partir do momento em que se tornam públicos. A quantidade e a qualidade dos descritores, a clareza do título e a existência de um conteúdo adequado e uma escrita clara e objetiva para refletir a ideia do trabalho no resumo são alertas que se assentam depois da coleta e análise realizados neste estudo.

No segundo dos desafios – análise dos dados coletados –, para montar um panorama da produção científica de teses e dissertações na área de arquitetura da paisagem na pós-graduação brasileira do século XXI, resalta-se que os dados levantados possibilitam articular inúmeros outros cruzamentos para variadas análises. Contudo, a pesquisa realizada per-

¹ Aos esforços de cada IES em conjunto com seus PPGs, soma-se a iniciativa da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), concebida e mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), disponível para consulta desde 2006: <https://bdttd.ibict.br/vufind/about/home>. Neste estudo, essa base de dados não foi consultada.

mite salientar importantes questões que sustentam o reconhecimento de um campo científico em construção no país. Entende-se que o período analisado permitiu vislumbrar um claro crescente na produção, embora os últimos anos tenham sido perturbados por fatores ainda a serem compreendidos, para além da pandemia. Talvez um enquadramento para os próximos dez anos permita avaliar qual o cenário que se testemunha neste exato momento. No tempo investigado, constatou-se que esse universo é marcadamente feminino, com evidências de uma produção sendo desenvolvida por gerações de pesquisadores, com certos temas de predileção e muitas ausências, apesar da disparidade dos descritores recolhidos.

No tocante à observação de cunho mais qualitativo, o panorama das estratégias de pesquisa adotadas, de acordo com a indicação de Swaffield e Deming (2011), ainda que delimitado por trabalhos com temática específica, permite constatar a necessidade de adoção de mais rigor científico no desenvolvimento das investigações. Sobre quem recairia tal responsabilidade de delineamento: candidato ou orientador? Ambos? Dessa sucinta qualificação, também é possível indicar a predileção por um tipo de abordagem – construtiva – e ausências marcantes – “modelagem”, “experimental”, “pesquisa-ação”, “pesquisa aplicada em projeto” e “aplicação de sistemas lógicos” – que podem ser explicadas em razão do ambiente de pesquisa que se investigou, os programas acadêmicos. Mas, ao mesmo tempo, indica os desafios científicos que se tem pela frente, dados por recursos e existência de laboratórios que permitam desenvolver esses tipos de estratégias.

Do ponto de vista do enquadramento das 422 pesquisas brasileiras nos 15 domínios sugeridos por Meijering et al. (2015), três aspectos principais podem ser ressaltados: o interesse por domínios que perpassam uma grande maioria das teses e dissertações, o predomínio de domínios por teses, distinto do predomínio de domínios por dissertações, e as ausências de pesquisas em determinados domínios.

Ainda que não tivesse sido prioritário entre as teses e dissertações, chama a atenção o domínio (1) **da dimensão humana do planejamento e do design**, por ter sido aquele que mais esteve presente no contexto das investigações, como se essa fosse uma inquietação ética de fundo que lastreasse 170 pesquisas, privilegiando o olhar para as pessoas e a partir das pessoas, ao considerar as suas experiências, necessidades e desejos. Aqui se inserem as preocupações mais subjetivas, como o apego ao local cons-

truído da relação que as pessoas estabelecem com os lugares, identificado por ferramentas de percepção da paisagem que envolvem arte e cultura, ou extraídas de simbologias e significados do imaginário, expressando também em alguns momentos um entendimento poético da paisagem. No panorama internacional, observa-se também que esse domínio foi apontado como prioritário pela maioria dos especialistas consultados por Meijering et al. (2015), tanto para investigações acadêmicas quanto para a prática da arquitetura da paisagem, o que revela a importância de considerar as pessoas como ponto de partida e de chegada nessas pesquisas. Nesse primeiro aspecto, essa também foi a resposta do Brasil.

Para o aspecto relativo à preponderância de domínios por pesquisa, destaca-se o grande número de teses e dissertações centradas no domínio (8), **das dimensões históricas do planejamento e design** (19,25%), sendo ainda mais relevante entre dissertações (19,25%) do que entre teses (12,22%). Entre as áreas de abrangência – preservação da paisagem cultural, memórias urbanas, espírito do lugar e natureza como patrimônio – destacam-se as pesquisas inseridas nas temáticas da paisagem cultural. O olhar para o passado como estratégia para pensar o futuro merece, portanto, um aprofundamento para que se possa compreender os porquês desse interesse entre pesquisadores brasileiros. Do ponto de vista internacional, segundo Meijering et al. (2015), esse interesse é considerado mais útil para a arquitetura da paisagem pelos especialistas da Europa do que dos Estados Unidos, que elegeram o domínio (9), **das dimensões biofísicas do planejamento e design**, como o mais importante.

Especificamente entre as noventa teses, ao lado do domínio (8), **das dimensões históricas do planejamento e design** (12,22%), sobressai-se o domínio (5), **das teorias e metodologias** (12,22%), revelando estudos mais profundos focados no planejamento urbano, no projeto de paisagem, no projeto de cidade a partir da paisagem, na ecologia da paisagem, no entendimento da paisagem como sistema de espaços públicos, nos jardins como paisagem, nos estudos da forma urbana, no planejamento a partir das unidades de paisagem e de metodologias de apreensão e análise de paisagens, atreladas ao planejamento, à proteção, à gestão e ao desenho de novas paisagens. E em um segundo patamar imediatamente abaixo (11,11%) ressaltam-se os domínios (1), **dimensões humanas do planejamento e design**, o (9), **dimensões biofísicas do planejamento e design**, e o (12), **da política e governança**, este último voltado

a ações e instrumentos legais que incidem sobre a paisagem, como os planos diretores, legislação ambiental e legislação urbanística. É aqui, nos processos de participação social das políticas de planejamento e gestão, que a paisagem como um direito aparece mais fortemente. E em relação às 322 dissertações, abaixo do domínio (8), **das dimensões históricas do planejamento e design** (19,25%), sobressai-se o domínio (9), **das dimensões biofísicas do planejamento e do design** (16,15%), e o domínio (1), **das dimensões humanas do planejamento e design** (12,11%), domínios já explorados, ficando os outros domínios em faixa bem abaixo desse percentual.

Para o terceiro e último aspecto, ressalta-se a quase inexistência de pesquisas focadas no domínio (15), referente à **educação em arquitetura da paisagem**, incluindo em sua abrangência a preocupação com a formação do arquiteto e urbanista com sensibilidade para a paisagem, o que envolve estudos sobre métodos de ensino e desenvolvimento curricular, bem como processos de educação da população, incluindo educação patrimonial e ambiental e conscientização ecológica. Com percentual de 0,73%, correspondente a três dissertações entre todas as 412 pesquisas analisadas, os dados revelam o pouco interesse por essa área do conhecimento, embora a formação, em particular, seja a base para a atuação dos futuros profissionais, acadêmicos ou desenhadores de paisagem. Certamente esse será um domínio em que se deverá investir no futuro, por ser aquele sobre o qual todos os outros se assentam, para garantir um futuro respeitoso e sustentável. Conclui-se ressaltando também a completa ausência de pesquisas sobre mudanças climáticas, que deveriam estar inseridas no domínio (4) sobre **questões paisagísticas globais**. Enquanto essas questões foram objeto de grande preocupação entre os especialistas apontados por Meijering et al. (2015), a inexistência entre as teses e dissertações aqui analisadas nos faz perguntar o porquê do desinteresse sobre essa temática no Brasil. Estaria a resposta no recorte temporal imposto a 2020? É uma questão que, ainda que requeira outras variáveis, aponta outras preocupações, nesse caso pela ausência de pesquisas em área tão relevante e necessária.

O trabalho aqui realizado, concentrado em uma parcela da produção científica sobre a paisagem, permite vislumbrar, dado o peso dessa produção dentro do universo observado dos PPGs nacionais, que seria um possível desdobramento reunir esforços para uma necessária ação política, talvez

em torno da fundação de uma associação nacional de pesquisa com esse escopo.

Por fim, a avaliação da produção científica brasileira nos conduz também ao necessário entendimento da dimensão política da paisagem, enquanto campo disciplinar e de conhecimento. Enquanto campo de conhecimento, o planejamento e o projeto da paisagem remontam há séculos e distinguem ações e intenções em diferentes períodos históricos. Sobre essas ações é possível distinguir o papel da paisagem não apenas como cenário, mas antes como constructo social e cultural, resultado de transformações coletivas da natureza, no limite, como representação de acordos e conflitos; interesses, escolhas e omissões.

O campo disciplinar é mais jovem, sendo estabelecido no início do século XX frente ao acúmulo de ações sistematizadas profissionalmente desde meados do XIX. Nasce híbrido de outros campos disciplinares e multiescalar em suas abordagens: do desenho de parques, praças e ruas à visada sistêmica de espaços livres, do diagnóstico à leitura de processos e apropriações. Suas muitas faces que se constituem na atualidade uma potente ferramenta para refletir acerca das fragilidades e potencialidades dos territórios.

De fato, a participação desse campo disciplinar e profissional na contemporaneidade é estratégica no que diz respeito ao desenvolvimento em muitos territórios e continentes. A ampliação de pesquisas constatada dialoga com o estabelecimento de documentos internacionais e nacionais que foram engendrados dentro dessa expectativa de sociedade, que almeja não apenas um meio ambiente saudável e um processo de desenvolvimento que não seja predatório, mas também anseia por dimensões subjetivas e de significado que construam seu cotidiano e identidade.

Instrumentos voltados ao planejamento e à gestão, tal como expressam a Convenção Europeia da Paisagem (2000), a Carta Brasileira da Paisagem (2012) e a Carta da Paisagem das Américas (2018) são parâmetros e fonte para trilharmos um caminho em direção a uma futura Política Nacional de Paisagem, em construção no Brasil. A valorização dessa perspectiva, que instala a paisagem como protagonista, exige uma mudança de mentalidade e demanda decisivos investimentos em educação para o desenvolvimento de profunda alteração no registro cultural, inclusive dos gestores públicos. População, gestores e corpo técnico capacitado e articulados são requi-

sito necessário à conservação da paisagem como patrimônio e direito de todos.

Daí a importância da produção científica brasileira, que faz do campo disciplinar da arquitetura da paisagem um caminho possível, uma estratégia que une governança e território em uma condição de futuro mais justo, saudável e sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Coimbra: Edições 70, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.
- BROWN, Robert D.; CORRY, Robert C. Evidence-based landscape architecture: the maturing of a profession. *Landscape and Urban Planning*, Amsterdam, v. 100, 2011, p. 327-329. DOI: 10.1016/j.landurbplan.2011.01.017
- CARTA Brasileira da Paisagem. São Paulo: Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, 2012.
- CARTA da Paisagem das Américas. Cidade do México: IFLA-AR: UAM-A, 2018. Disponível em: <http://paisagem.net.br/2019/07/10/carta-da-paisagem-das-americas-agora-em-portugues/>. Acesso: 4 jun. 2020.
- CONVENÇÃO Europeia da Paisagem. Florença: [s. n.], 2000.
- IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). *Cartas patrimoniais*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Iphan, 2004.
- MEIJERING, Jurian Vincent et al. Exploring research priorities in landscape architecture: an international Delphi study. *Landscape and Urban Planning*, Amsterdam, v. 137, 2015, p. 85-94. DOI: 10.1016/j.landurbplan.2015.01.002
- NOGUÉ, Joan. *La construcción social del paisaje*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- RIBEIRO JUNIOR, Wilson; MERINO, Eugenio Andrés Díaz; ELALI, Gleice Virginia Medeiros de Azambuja. *Documento de área: Área 29: Arquitetura, Urbanismo e Design*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019.
- SWAFFIELD, Simon; DEMING, M. Elen. Research strategies in landscape architecture: mapping the terrain. *Journal of Landscape Architecture*, Abingdon-on-Thames, v. 6, n. 1, 2011, p. 34-45.
- ULTRAMARI, Clovis; SILVA, Christian Luiz da; RODRIGUES, Waldecy. *Documento de área: área 30: planejamento urbano e regional e demografia*. Brasília, DF: Ministério da Educação

Alessandro Filla Rosaneli
Universidade Federal do Paraná
Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano em Geografia
CV: <http://lattes.cnpq.br/2386410313691658>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8922-5649>
alessandrofilla@ufpr.br

Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras
Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
CV: <https://lattes.cnpq.br/9146853256447280>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0288-7325>
lucia.veras@ufpe.br

Luciana Bongiovanni Martins Schenk
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
CV: <http://lattes.cnpq.br/3384491853267540>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7944-7782>
lucianas@sc.usp.br